unitas
Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões
ISSN 2358-3037

A cura da alma e dos vícios a partir de uma rotina saudável: o Centro Vita, sua perspectiva decolonial e seu exemplo de solução para a sociedade do cansaço

Healing the soul and overcoming addictions through a healthy routine: Centro Vita, its decolonial perspective, and its example of a solution for the "Burnout Society"

Caroline Julie da Rosa Cougo[1]

Resumo: Este artigo analisa como a pedagogia decolonial pode ser aplicada na prática, com foco especial em comunidades terapêuticas cristãs. O estudo de caso é o Centro Vita, localizado no Rio Grande do Sul, Brasil. O ponto de partida é a crítica de Byung-Chul Han à "sociedade do cansaço", marcada pelo excesso de positividade, autocobrança e hiperprodutividade, fatores que contribuem para o adoecimento psíquico, o isolamento e a busca por vícios. A pedagogia decolonial aparece como alternativa ao modelo eurocêntrico

Recebido em 01 de outubro de 2025
Aceito 21 de setembro de 2026

[1] Doutoranda e mestra em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST), localizada em São Leopoldo. Licenciada em Letras: Português/Inglês pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), também em São Leopoldo (RS). Atua como professora de língua inglesa na rede básica há mais sete anos.

dominante, ao valorizar saberes locais, experiências subjetivas e a construção coletiva do conhecimento. O texto dialoga com a Teologia da Libertação, Paulo Freire e Rubem Alves, que inspiram práticas pedagógicas mais humanas, libertadoras e enraizadas na realidade latino-americana. O Centro Vita é apresentado como exemplo concreto de resistência, oferecendo uma rotina equilibrada e espiritualidade cristã como caminhos de cura para dependentes químicos, livres das pressões do desempenho e do academicismo colonizador.

Palavras-chave: Pedagogia decolonial; sociedade do cansaço; espiritualidade libertadora

Abstract: This article examines the practical application of decolonial pedagogy, focusing on Christian therapeutic communities, with the Vita Center in Rio Grande do Sul, Brazil, as a case study. The study builds on Byung-Chul Han's critique of the burnout society, which highlights how excessive positivity, self-demand, and hyper-productivity contribute to psychological distress, social isolation, and addiction. Decolonial pedagogy is proposed as an alternative to Eurocentric educational models, emphasizing local knowledge, individual experiences, and the collective construction of knowledge in both formal and religious settings. The article also investigates the influence of Liberation Theology, Paulo Freire, and Rubem Alves in shaping pedagogical approaches that are more humane, liberating, and contextually grounded. The Vita Center exemplifies resistance to oppressive societal structures by providing a balanced daily routine and Christian spirituality, offering paths to recovery for substance-dependent individuals while distancing them from the pressures of performance, hyper-productivity, and the rigidities of colonial academic frameworks.

Keywords: Decolonial Pedagogy; burnout society; liberating spirituality

Introdução

A sociedade atual necessita de cura, no geral. Como o filósofo coreano Byung-Chul Han reitera, vivemos na sociedade do cansaço e da positividade tóxica, do vício em desempenho que nos tira a esperança. A correria do dia a dia torna difícil perceber inclusive como chegamos a este ponto.

Para piorar a situação, a educação atualmente ainda sofre de uma influência extrema do positivismo europeu. Esta inspiração colonial põe as metodologias científicas como superiores a qualquer experiência pessoal e, por vezes, trata o professor como o detentor máximo do conhecimento, sem valorizar as contribuições dos alunos. Além disso, o ensino é muitas vezes descontextualizado, deixando de considerar o entorno dos alunos.

É em busca de uma mudança nesta situação que surgiu a pedagogia decolonial nos últimos anos. É uma tentativa de humanizar o ensino, torná-lo mais interessante para o educando e buscando uma sociedade mais saudável e democrática, diferentemente da pressão atual que existe na sociedade do desempenho. Como exemplo de caso neste artigo, apresenta-se aqui o Centro Vita, um local de recuperação para aditivos químicos, que são o caso mais extremo de sofrimento da sociedade atual. Explica-se aqui como diversas almas foram curadas neste centro a partir de um ensino bíblico decolonizador e com uma rotina saudável e sem cobranças da sociedade atualmente psicologicamente adoecida. Para tanto, este trabalho começa com uma revisão sobre a pedagogia decolonial na América Latina, passa por uma consideração sobre a educação cristã na vida adulta, traz as considerações do filósofo Byung-Chul Han sobre a sociedade do cansaço e, por fim, trata do exemplo de caso do Centro Vita, que reabilita viciados em substâncias aditivas no Rio Grande do Sul.

1. A pedagogia decolonial na América Latina e a descolonização do saber teológico latinoamericano

A influência europeia está presente no Brasil mesmo 525 anos após a colonização, em todos os setores da sociedade, e na educação não é diferente. Uma pedagogia com traços europeus e colonizadores tende a ser totalmente centrada na suposta superioridade científica em detrimento de experiências subjetivas e práticas. Já é de conhecimento comum que as descobertas científicas muitas vezes descobrem que resultados científicos tidos como verdades universais anteriores estavam errados.

Atualmente, na América Latina, há um movimento decolonial na educação, com autores como Walter Mignolo, Enrique Dussel, Nelson Maldonado-Torres, Arturo Escobar e Aníbal Quijano e até norte-americanos como Catherine Walsh defendendo uma mudança que permita que o ensino seja mais experiencial e mais aberto a experiências pessoais dos alunos, contextualizando o ensino e tornando-o mais útil e interessante aos estudantes.

> Propomos que o conceito de decolonialidade seja entendido, a despeito de sua diversidade, como um questionamento radical e uma busca de superação das mais distintas formas de opressão perpetradas pela modernidade/colonialidade contra as classes e os grupos sociais subalternos, sobretudo das regiões colonizadas e neocolonizadas pelas metrópoles euro-norte-americanas, nos planos do existir humano, das relações sociais e econômicas, do pensamento e da educação. Trata-se de uma concepção, como se depreende do parágrafo anterior, marcada por uma busca persistente pela autonomia, o que só pode ser entendido se tivermos em conta que a decolonialidade tem sido elaborada a partir das ruínas, das feridas, das fendas provocadas pela situação colonial. Portanto, é a partir da dor existencial, da negação de direitos (incluindo os mais elementares, como o direito à vida), da submissão de corpos e formas de pensamento, da interdição a uma educação autônoma que nasce a concepção decolonial[2].

É a partir das feridas da colonização que se cria uma noção decolonial. As discussões decoloniais começaram a ocorrer no final da década de 1990 em eventos, congressos e oficinas organizados por nomes como Enrique Dussel, Aníbal Quijano e Walter Mignolo. Estes encontros sempre terminaram em publicações conjuntas, geralmente

[2] MOTA NETO, João Colares da. Por uma pedagogia decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Curitiba: CRV, 2016, p. 44.

em espanhol e em inglês. A perspectiva decolonial nasceu da Teologia e da Filosofia da Libertação e teve como inspiração diversos outros movimentos considerados "de baixo", ou seja, da parte não-dominante, como a teoria feminista chicana, a filosofia africana e a teoria pós-colonial.

Paulo Freire foi um educador que inspirou muito a pedagogia decolonial pois seus escritos defendiam práticas que vão de acordo com esta teoria. Isto porque Paulo Freire considerava a dor do outro ser humano, tratava o educando como uma pessoa que tinha autonomia no ensino e recusando-se a defender uma postura de um professor que fosse detentor do conhecimento. A ideia de o aluno construir o ensino em conjunto com o professor leva a uma noção mais empática e humana da educação, diferentemente da rigidez do ensino científico europeu.

Uma pedagogia decolonial não é possível se não houver valorização dos saberes locais, valorizando as experiências dos alunos, suas histórias de vida e os sentimentos das classes populares. É necessário afirmar, porém, que a superação da rigidez colonial não significa a negação da ciência. O que se propõe é uma superação dos binarismos da concepção moderna, como objetividade x subjetividade e razão x emoção. Há muito tempo já foi superada a noção de que a ciência é totalmente impessoal. As pesquisas são feitas por pessoas e, por isso, suas motivações e opiniões estão presentes nos estudos. Em cada pesquisa, há hipóteses pessoais que buscam ser provadas com diferentes metodologias. Portanto, as dicotomias devem ser superadas. O fato de haver motivações e experiências pessoais não significa que não haja uma seriedade metodológica, e um ensino baseado nas experiências pessoais dos discentes pode muito bem ter elementos científicos também. As propostas de Orlando Fals Borda e Paulo Freire, por exemplo, "combinavam o vivencial com o racional, subvertendo a lógica hierarquizadora e dicotômica da ciência moderna"[3].

Entre os efeitos da educação colonizadora está o antropocentrismo: a crença na superioridade humana acima de todas as outras vidas na terra. Foi exatamente este antropocentrismo que levou à destruição de grande parte do nosso planeta, começando com níveis extraordinários de indústrias de matança animal, o que contribui com o aumento do efeito estufa e toda a destruição de florestas para uma chamada "evolução" e "desenvolvimento". A pedagogia decolonial defende que o ser humano deve se entender como parte integrante de uma teia de relação com o mundo todo, incluindo animais e plantas. Este ensino descentralizado pode ser

[3] MOTA NETO, 2016, p. 330

uma solução para "o consumismo, a degradação ambiental e a violência contra os animais, caminhando em direção ao "bem viver" e a uma convivência planetária mais sustentável."[4]

Engana-se, entretanto, quem pensa que o movimento de decolonialidade esteja presente apenas na educação. Há a presença do movimento decolonial também na Teologia. A noção de que apenas as igrejas históricas e europeias detêm o conhecimento teológico tem sido superado nos últimos anos, com a percepção de uma chamada pentecostalização dos Estudos Teológicos[5], ou seja, a presença cada vez maior de pentecostais estudando Teologia nas universidades.

Uma teologia decolonial supera a noção positivista e valoriza o corporal, o simbólico, o estético, o experiencial, o literário e o poético. Nos estudos teológicos decoloniais há um conceito chamado de "matriz colonial", que se refere a desenhos curriculares tradicionais[6], nos quais há a presença de tradições acadêmicas e filosóficas que não correspondem ao nosso contexto eclesial latinoamericano, bem como toda a questão social de nossa região. Busca-se, nessa perspectiva latina, superar a noção tradicional e valorizar o estético e o experiencial. Da mesma forma que na pedagogia há uma busca pela valorização de saberes culturais e experienciais, este movimento é presente também na teologia.

Rubem Alves foi educador e teólogo muito famoso no Brasil e seus pensamentos e escritos defendiam uma pedagogia e teologia decolonial, mesmo que ele próprio não tenha usado este termo. Segundo ele, a educação e os estudos teológicos, no geral, sucumbiram ao encanto das promessas da ciência de um conhecimento universal e objetivo, o que, com o tempo, foi-se transformando em um medo e a vergonha do escárnio, ao haver uma resistência a demonstrar outros saberes que não fossem medidos por metodologias rígidas. Foi-se deixando de falar, as pesquisas foram ficando cada vez mais impessoais e vazias de significação humana[7].

Segundo Alves, que escrevia ciência de maneira muito poética, os estudos científicos ficaram tão longe da realidade que se tornou um

---

[4] MOTA NETO, 2016, p. 347.

[5] PANOTTO, Nícolás. Descolonizar el saber teológico Latinoamericano: Religión, educación y teología en clave poscolonial. 1 ed. Santiago: Comunidad Teológica Evangélica de Chile, 2018, p. 82.

[6] PANOTTO, 2018, p. 90

[7] ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de ensinar. Guarulhos: Cortez, 1980, p. 23

jogo de conceitos, como uma "caricatura grotesca"[8]. Ele explicava que é por este motivo que as defesas de teses e dissertações frequentemente continham mais perguntas que englobavam somente questões metodológicas e de gramática científica do que questões relevantes sobre a temática do assunto em questão. Tudo isto tem a ver também com a própria centralização econômica da sociedade:

Como já reiterado anteriormente neste artigo, não se trata de ir contra a ciência e muito menos excluí-la do ensino, e sim, buscar um meio-termo. Deve-se encontrar uma maneira de ensinar a ciência sem desconsiderar a pessoalidade dos indivíduos pesquisadores e seus estudos. Deve-se, também, entender que os professores podem motivar os alunos a trazerem suas experiências e saberes pessoais, que o aprendizado pode ser uma via de mão dupla, onde professor aprende além de ensinar e aluno ensina além de aprender. O discente pode se sentir protagonista de seu próprio aprendizado e não precisa temer julgamentos de seus conhecimentos que podem ser considerados não-científicos somente porque ainda não foram postos à prova por métodos. A educação deve ser prazerosa e a experiência deve ser valorizada, assim como na Teologia. Por muito tempo, as aulas teológicas foram totalmente influenciadas pelo positivismo e todo o conhecimento ou percepção pessoal foram desencorajados. Deve haver um equilíbrio entre ciência e experiência e uma superação da dicotomia presente na mentalidade acadêmica e teológica.

2. A educação cristã ao longo da vida

É comum, no saber de senso comum, a concepção de que a educação se restringe a crianças e adolescentes. Não é raro, em escolas públicas de educação básica, o discurso de que se um aluno bagunça no Ensino Médio e tem mais de dezoito anos, não há necessidade de tentar remediar a situação; costuma-se apenas expulsar o aluno da escola dependendo do comportamento ou ação que teve. É uma noção muito consolidada na sociedade a de que a educação tem idade específica. Este não passa de um equívoco. A Psicologia e a Antropologia já demonstraram de diversas maneiras que a educação continua a vida inteira[9].

---

[8] ALVES, 1980, p. 41

[9] BRANDENBURG, Laude Erandi. A educação cristã ao longo da vida: Contribuições para a articulação da Teologia Eclesial na América Latina. *In:* NUÑES DE LA PAZ, N. I.; OLIVEIRA, K. L.; REBLIN, I. A.; SCHAPER, V. G.; WHESTELLE, V. (orgs.). Deuses e Ciências: A Teologia Contemporânea na América Latina e no Caribe. São Leopoldo: EST, 2010, p. 97

Entretanto, esta noção de educação na vida adulta não se restringe apenas à educação básica, mas também ao ensino religioso e, mais especificamente, no ensino cristão. A Bíblia tem um arcabouço que permite que uma pessoa estude por décadas e um mesmo versículo ou uma mesma perícope podem trazer diferentes percepções e ensinamentos a cada leitura realizada. Da mesma maneira, quando Jesus disse em Mateus 28:19-20 para que as pessoas fossem a todo o mundo e pregassem o evangelho, não foi feita nenhuma distinção de idade, pois o aprendizado pode ocorrer em qualquer fase da vida e a principal noção cristã defende que todos carecem da graça de Deus. Mesmo dois mil anos após esta convocação de Jesus, deve-se pregar o evangelho, porém tendo em mente que este ensino deve ser, também, contextualizado e atento às necessidades pessoais de quem ouve.

O ensino decolonial, portanto, também deve fazer parte das comunidades eclesiais. É necessário um olhar mais humanizado e amoroso para com cada pessoa que atente seus ouvidos aos ensinamentos cristãos. Inclusive, se há algo realmente cristão e de acordo com os ensinamentos de Jesus na educação, é justamente a pedagogia decolonial, que não pretende nenhuma superioridade, distinção, pretensão e arrogância. Mesmo em ambientes eclesiásticos, quem aprende também ensina e quem é responsável pelo ensino também pode ter a humildade de aprender com quem é ensinado, sempre de acordo com o contexto onde a evangelização é feita.

3. A sociedade do cansaço e seus efeitos na sociedade

O filósofo coreano Byung-Chul Han vem, nos últimos anos, estudando a sociedade contemporânea e chegou a conclusões muito impressionantes, que assustam pela verossimilhança do que se vive diariamente. Para ele, atualmente vivemos na sociedade do desempenho, ao contrário de décadas passadas, quando vivíamos na sociedade disciplinar. Era uma sociedade feita de asilos, hospitais, quartéis, e até mesmo fábricas; tudo o que remetia a uma ordem, a obrigações e deveres. Hoje em dia, porém, vive-se uma época em que tais lugares foram substituídos por academias, escritórios, aeroportos e bancos. A sociedade atual é o que se pode chamar de uma sociedade do desempenho. Há uma certa liberdade excessiva, a ponto de cada pessoa se sentir pressionada a demonstrar resultados e, por isso, necessita ter alto desempenho diariamente.

Justamente a crescente pressão e autocobrança levam as pessoas a se isolarem cada vez mais. Não há mais momentos de lazer,

de conversas descontraídas, de ócio em conjunto entre famílias e amigos. Era comum, há alguns anos, visitas inesperadas nas quais as pessoas se juntavam para fazer especificamente nada; o único objetivo era passar tempo em conjunto. Isso não é mais comum atualmente. A necessidade da realização pessoal, a autocobrança e a comparação leva ao isolamento em busca de desempenho, o que acaba levando a sociedade à depressão.[10]

Esta pressão diária consome a alma, o lazer e, consequentemente, a criatividade. Quando isso ocorre, o explorado é também o explorador e, então, "agressor e vítima não podem mais ser distinguidos"[11]. Mas o que levou a sociedade a chegar a este ponto? O mais irônico é que foi o excesso de positividade. A partir do momento que as pessoas começaram a pensar que podiam tudo, que eram livres e que não precisavam de chefia, começaram a sentir a pressão de serem seus próprios algozes. Além de toda esta positividade e autocobrança, a pós-modernidade trouxe consigo a multitarefa, considerando que temos diferentes estímulos o tempo todo, diariamente, principalmente por causa das tecnologias cada vez mais presentes.

A multitarefa atual não é nenhuma evolução, ao contrário do que se possa pensar. Na verdade, trata-se de um retrocesso. Os animais selvagens são *multitasking* e necessitam ser, porque é de sua natureza, ao contrário da nossa. Na vida selvagem, é necessário ter uma mente *multitarefa* porque, enquanto um animal come, ele não pode se distrair ou relaxar totalmente, porque pode virar presa. Portanto, a atenção esta técnica de atenção multitarefa é indispensável na vida selvagem, mas não na nossa.

Sendo assim, o tédio, que não faz mais parte de nossa vida, é extremamente necessário para a criatividade. Apenas uma mente com tempo para a viagem dos pensamentos consegue criar. Não há como ter criatividade na sociedade do desempenho, somente pressão e depressão. Para piorar a situação, a atualidade em que vivemos não permite sentimentos negativos. Estes sentimentos negativos são importantes pois criam conflitos e estes nos levam à mudança. Para as pessoas da sociedade do desempenho, não há tempo para entrar em conflito pois precisam produzir, ter sucesso e desempenho, o que faz com que as pessoas recorram a antidepressivos.

Atualmente, uma maneira de entender a mente do jovem é através de *memes* da *internet*. É comum, principalmente em perfis de

[10] HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2024, p. 20-21

[11] HAN, 2024, p. 22

millenials[12], se deparar com queixas constantes sobre a vida. Cada vez mais os jovens postam que não têm ânimo nenhum para ver ninguém, se consideram cada vez mais introspectivos e se deparam com a tristeza da cobrança e da comparação. O constante trabalho e estudo drenam a energia das pessoas, que não se sentem mais disponíveis para festejar e celebrar a vida. Há também uma constante decepção de não conseguir adquirir bens como imóveis, que aumentaram de modo exagerado em comparação com a geração anterior. Para piorar, pode-se dizer que tudo se comercializou nos últimos tempos.

O comércio faz parte de todas as horas diárias humanas. É comum que, durante uma conversa, as pessoas mencionem desejos e vontades. Minutos depois, milhares de anúncios aparecem no *instagram* ou em outras redes sociais sugerindo exatamente o que foi dito, porque os algoritmos trabalham incessantemente para movimentar o comércio *online*. O *marketing* pessoal tomou conta das relações e nunca se sabe se há sinceridade ou interesses em qualquer conversa, porque tudo se resume ao possível desempenho e a obtenção de mais dinheiro.

Quando Byung-Chul Han explica que há um excesso de positividade que torna a sociedade tóxica, é importante perceber que há a necessidade de uma certa negatividade e isto porque é na negatividade que se encontra a esperança, como o próprio apóstolo Paulo falou em Romanos 5:3-5, quando explicou que deveríamos nos gloriar nas tribulações, pois as tribulações produzem perseverança, que produz experiência e que esta, por sua vez, produz esperança. O culto à positividade faz com que as pessoas não pensem sobre as mazelas da vida; faz com que as pessoas vivam para produzir. Quando há aflição e esperança, as pessoas se unem para se fortalecer em seus sentimentos. Portanto, pode-se dizer que a negatividade e a esperança que vem dela, une as pessoas, as conecta e também as reconcilia.

A positividade tóxica atual não produz apenas a depressão de não ser e não produzir o suficiente, mas também causa ansiedade. Na maioria das vezes, não há catástrofe iminente, mas as pessoas sentem um medo constante. Medo este que se relaciona à produção.

> O medo onipresente de hoje não decorre realmente de uma catástrofe permanente. Somos afligidos sobretudo por *medos difusos* que são estruturalmente condicionados e, portanto, não podem ser atribuídos a eventos concretos. O regime neoliberal é um *regime do medo*. Ele isola o ser humano ao torná-lo *empresário de si mesmo*. A competição total e a crescente pressão por

[12] Pessoas que nasceram entre 1981 e 1996

> desempenho erodem a comunidade. O isolamento narcisista gera solidão e medo. Até mesmo nosso relacionamento conosco mesmos está cada vez mais marcado por medos: medo de falhar, medo de não atender às nossas próprias expectativas, medo de não acompanhar o ritmo ou medo de ficar para trás. É justamente esse medo ubíquo que aumenta a produtividade.[13]

O sentimento de esperança carrega consigo diferentes sentimentos nobres, como serenidade e brandura. Tendo este sentimento, pode-se manejar o passado a partir do perdão e o futuro a partir da promessa. Isto porque "com a esperança, despedimo-nos do passado e voltamo-nos para o futuro, para o possível, para o que ainda-não-é.[14]" Anteriormente, neste mesmo texto, foi mencionada a pedagogia decolonial e, para isso, foi citado o Rubem Alves, que defendia que a educação e o aprendizado incluíam emoções e que não se pode assumir que o ensino e a ciência sejam impessoais. Da mesma maneira, Han explica que um aprendizado realmente relevante, que vai ser lembrado por muito tempo, sempre envolve sentimentos nos educandos:

Esta noção nos leva a perceber que não somente a educação precisa mudar, mas também a sociedade, afinal, os pensamentos correntes da humanidade sempre afetam o modo como o ensino é realizado nas salas de aula. Toda esta reflexão nos leva a perceber que urge que a sociedade encontre uma maneira de perceber que mudanças são necessárias para que as pessoas voltem a usufruir da vida, senão os resultados podem não ser nada bons. Uma das piores consequências desse estilo de vida doentio é justamente a adição em substâncias prejudiciais à vida, que é o que veremos na seção a seguir.

O Centro VITA em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul

Uma das consequências mais desastrosas de nossa sociedade doente é o vício. Este pode ser manifestado de diferentes formas. Pode ocorrer por meio de jogos digitais, jogos de apostas, remédios, bebidas alcoólicas e até mesmo em drogas. É curioso que há duas décadas atrás, não se discutia o prejuízo que as drogas faziam no corpo humano. A maioria dos adolescentes somente aceitavam que deviam ficar longe de tais substâncias. Atualmente, entretanto, o movimento é o contrário. Os jovens parecem não acreditar mais nos prejuízos a

[13] HAN, Byung-Chul. O espírito da esperança: Contra a sociedade do medo. Petrópolis: Vozes, 2024, p. 18

[14] HAN, 2024, p.44

longo prazo e costumam simplesmente utilizar estas substâncias, o que vem se tornando uma tendência[15].

Para começar, a maconha vem sendo banalizada. Mesmo que pesquisas demonstrem que os efeitos a longo prazo incluem demência, problemas de memória (principalmente em adolescentes), e até mesmo surto psicótico e esquizofrenia, além de resistência, dependência e busca por substâncias mais pesadas depois de um tempo, os jovens defendem, dizendo que é "natural", ignorando todas as modificações possíveis e realizadas antes da venda. Nenhum jovem parece estar aberto à discussão; só foi aceito que esta droga pode, sim, ser utilizada. Toda esta situação só é um reflexo da sociedade doentia em que se vive atualmente, e tudo isso por causa da positividade tóxica e a sociedade do desempenho. Entretanto, não é só o desempenho que aflige as pessoas; é, também, a desigualdade social deste capitalismo exacerbado.

Sabe-se que nem todas as pessoas que usam drogas se viciam, mas o que, de fato, pode levar alguém ao vício? O fator principal é a infelicidade que, em sua maioria, é causada por problemas familiares e psicológicos. Porém, é importante reconhecer que a própria sociedade doentia pode facilitar o vício, pois, se os problemas psicológicos causam adição, o que causa os problemas psicológicos? Muitas vezes a própria sociedade onde estamos inseridos. E isto pode começar desde o ensino, com as desigualdades de oportunidades:

Em uma sociedade que não está interessada em prevenir, é importante, pelo menos, saber remediar. É neste contexto que existem clínicas de reabilitação para adictos. Traz-se, aqui, um exemplo de um Centro de Reabilitação em São Leopoldo, no estado do Rio Grande do Sul, o Centro Vita[16].

Criado em 26 de abril de 1993, o Centro Vita[17] tem como objetivo recuperar viciados em drogas como maconha, cocaína, crack, LSD, entre outras. A recuperação ocorre por meio de laborterapia e

---

[15] PESQUISA do IBGE mostra aumento no consumo de drogas e maior iniciação sexual entre estudantes em Palmas. G1 Tocantins, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2022/07/15/pesquisa-do-ibge-mostra-aumento-no-consumo-de-drogas-e-maior-iniciacao-sexual-entre-estudantes-em-palmas.ghtml>. Acesso em: 15 jun. 2025

[16] O Centro Vita fica na Rua Dilceu Elias de Moura, 2110, no Arroio da Manteiga, na cidade de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

[17] Vide a página oficial do projeto no Facebook: <https://www.facebook.com/centrovitaoficial?rdid=P3AiWl60kMmZTFLV&share_url=https%3A%2F%2Fwww.facebook.com%2Fshare%2F18vpu21V9K%2F#>.

ensino da Bíblia, pois é um Centro de Reabilitação cristão. Tanto a terapia ocupacional, a laborterapia quanto o ensino bíblico e cristão remetem a práticas semelhantes às da sociedade disciplinar. A terapia ocupacional, entretanto, é diferente da ocupação da sociedade do desempenho, na qual há uma autopressão e um medo de não ser bom o suficiente. A ocupação do centro de reabilitação ocorre por meio de ferramentas terapêuticas do dia a dia, como a produção de pães, horticultura e carpintaria - tudo o que em uma ocupação saudável e que permite que os pensamentos corram livres enquanto a atividade é realizada.

O maior objetivo do centro é recuperar vidas do vício em drogas a partir de uma comunhão com Deus e o projeto não tem funcionários. Quem trabalha no projeto é voluntário; em sua maioria, são pessoas recuperadas no Centro e que servem ali por gratidão. O Centro não é denominacional, o que significa que não é vinculado a nenhuma igreja em específico, e os ensinos bíblicos são feitos por pastores de diversas denominações que demonstram interesse em colaborar. Este projeto não tem fins lucrativos e, para ajudar na manutenção e na subsistência do Centro, os internados ou suas famílias colaboram com R$400,00 mensais, o que é pouco, considerando que só a energia mensal acaba por ser mais de R$1.000,00. Além disso, são oferecidas quatro refeições diárias, o que também acaba por exigir bastante dinheiro. É importante mencionar, também, que nem todos os internos colaboram com o valor. Alguns não têm condições e mesmo assim fazem parte. Quando faltam recursos financeiros, os internados fazem serviços gerais para a comunidade, para arrecadar dinheiro para o centro. Todo o dinheiro arrecadado retorna para a manutenção do Centro, de modo que não há salário o suficiente nem mesmo para o diretor e responsável, que têm outras ocupações trabalhistas além da gerência do centro.

O diretor atual do Centro Vita, por exemplo, é um recuperado no centro. Para a recuperação, a rotina é muito importante. A rotina diária do Centro começa por volta das sete da manhã, quando cada interno arruma sua cama e faz sua higiene pessoal. Pela manhã, também, há a leitura bíblica, oração e, depois, o café da manhã. Após o café, são passadas as tarefas diárias. E, então, os internos são distribuídos para a horta, cozinha, lenheira, limpeza de pátio, cozinha (para a confecção dos pães), ferramentaria, e jardinagem.

Às 11 horas, há chimarrão com meditação bíblica e, depois, ao meio dia, é o almoço. Às 13:30, há oração, leitura e, então, a volta às tarefas. Mais tarde, às 16 horas, tem o café da tarde, chimarrão e conversa em grupo. A janta é cedo, às 19 horas e às 20 horas tem culto. Em alguns dias da semana, tem filme, futebol ou cachorro-quente. Às 22 horas, é a hora de dormir.

A laborterapia, também conhecida como terapia ocupacional, ajuda o recuperado pois faz com que a vida e a rotina diária tragam um sentido para quem faz as tarefas. Há, nesta rotina, um sentimento de utilidade para a sociedade. O ensino da Bíblia, feito de maneira experiencial e muito voltado às práticas pentecostais, dependendo da igreja que vai lá, demonstra na prática uma pedagogia decolonial. Longe de tentar obter a verdade científica a todo o custo, os ensinos são feitos de modo a garantir que cada pessoa ore e tenha uma experiência real e pessoal com Deus. A internação dura, no mínimo, seis meses. Nem sempre a situação é fácil. Às vezes, falta dinheiro no fim do mês para as despesas e por isso a atual diretoria está em busca de parceria com o governo e com ONGs que possam ajudar na manutenção do lugar. O Centro Vita conta com muitos recuperados, que, por gratidão, continuam servindo no local. Há ajudas também por parte de empreendedores cristãos, como um mercado que fica nos arredores e doa comida e ajuda em dinheiro para continuar mantendo o lugar em pé.

Este centro de reabilitação é um exemplo do mover sobrenatural de Deus, para quem acredita, principalmente porque continua com suas operações há mais de trinta anos sem obter ajuda financeira formal do governo. É um local centrado na recuperação e cura da dependência química através da palavra de Deus. Este centro demonstra que uma vida saudável com a presença de Deus pode ser a cura para diversos males, entre eles, a dependência química, os vícios e até mesmo a sociedade do cansaço.

Conclusão

Este artigo demonstrou um exemplo de pedagogia decolonial aplicada em vítimas da sociedade do cansaço e da sociedade desigual: o Centro Vita. Embora este Centro não tenha sido criado com este intuito de estabelecer uma pedagogia decolonial e embora não haja uma reflexão sobre a causa dos vícios de cada um, ainda assim este é um local onde se pode verificar vidas vítimas deste problema da sociedade que são curadas a partir de uma rotina espiritual que não leva em conta pedagogias coloniais.

O Centro Vita é um exemplo de decolonialidade, onde os cultos e os ensinamentos não buscam uma detenção do conhecimento por parte de quem ensina, e sim, a experiência pessoal com Deus por parte de cada interno. A rotina diária de terapia ocupacional permite que a alma cansada se livre de traumas inerentes e da cobrança excessiva da sociedade do cansaço. É um lugar que demonstra que uma rotina saudável e uma alma com a paz de Deus pode ser a solução para problemas que parecem insolucionáveis. A rotina saudável e o tempo de descanso estão presentes todos os dias no Centro Vita e a paz diária

deste local leva à cura que uma sociedade inteira parece precisar atualmente, mesmo que não sejam aditivas de substâncias tão perigosas como os internos do Centro Vita um dia já foram.

Referências

ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de ensinar. Guarulhos: Cortez, 1980.

BRANDENBURG, Laude Erandi. A educação cristã ao longo da vida: Contribuições para a articulação da Teologia Eclesial na América Latina. *In:* NUÑES DE LA PAZ, N. I.; OLIVEIRA, K. L.; REBLIN, I. A.; SCHAPER, V. G.; WHESTELLE, V. (orgs.). Deuses e Ciências: A Teologia Contemporânea na América Latina e no Caribe. São Leopoldo: EST, 2010. p. 95-102.

HAN, Byung-Chul. O espírito da esperança: Contra a sociedade do medo. Petrópolis: Vozes, 2024.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2024.

MOTA NETO, João Colares da. Por uma pedagogia decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Curitiba: CRV, 2016.

PANOTTO, Nícolás. Descolonizar el saber teológico Latinoamericano: Religión, educación y teología en clave poscolonial. 1 ed. Santiago: Comunidad Teológica Evangélica de Chile, 2018.